

COISA DE MOLEQUE

* Roberto Rodrigues

Tinha lá no Meio uma família de sitiantes, gente antiga do lugar, ninguém sabia quem tinha chegado primeiro nem quando: os Lebrim. Atrasados, os velhos quase analfabetos (a rapaziada mais nova tinha algum verniz), era uma gente séria, trabalhadeira, decente. Viviam fechados entre eles mesmos. Muito se especulou sobre a origem do nome, mas lá em Cruz Branca do Meio, quando não se chega ao fundo em um assunto, o pessoal “deixa pro lado”...

Os dois irmãos mais velhos, Nicola e Hermindo, ambos beirando os 60 anos, dividiam o comando do trabalho. Não havia, parecia, nenhum chefe principal, e a coisa ia, com os filhos, genros, noras e netos, como se dizia, “malemá”, mais ou menos: roça de milho e feijão, tudo junto, criação de frango e porco e umas vaquinhas de leite. Dava pro gasto, diziam, e iam equilibrando a vida, sem ambições, sem dramas.

Caprichosos, os Lebrim tinham um pomar com as frutas mais variadas, e gostavam de plantar novas espécies: as pessoas no povoado sabiam disso, e sempre traziam mudas de novidades.

Foi assim que um vizinho amigo trouxe de Cordeirópolis, em São Paulo, uma muda de “grapefruit”. Plantaram adubando com esterco, e dois anos depois, uma fruta enorme cresceu na plantinha. Sempre que isto acontecia, que uma árvore produzia os primeiros frutos, os Lebrim faziam uma espécie de solenidade para experimentar: juntavam-se os mais velhos em torno de uma mesa perto da moendinha de fazer garapa, cortavam a fruta em pedaços iguais e os distribuíam aos presentes, que provavam simultaneamente. Pois foi uma tragédia: eta fruta amarga, ruim, como é que americano gosta desse trem!

Bem, como não deu mais nada naquele ano, a coisa foi esquecida. Mas, no outro ano, o pé carregou, os galhos até vergaram, e os Lebrim não sabiam o que fazer com aquele treco. Um dia, Nicola foi na vila e passou pela farmácia, foi falar com seu Cunha, o erudito, levando a maior fruta do pé. E disse que era uma porcaria, pior que jiló cru, nem pra doce servia. E o Cunha, do alto de sua sabedoria, decretou:

–“Meu cumpadre, isto não é igual laranja, não pode chupar. Tem que cortar a fruta no meio, encher de açúcar ou mel por cima, cutucar com garfinho para o açúcar entrar e deixar na geladeira pra ficar bem fresquinha. Aí, come de colherinha”...

O velho caboclo pensou, olhou a fruta, pensou de novo e falou:

–“Ah, seu Cunha, desse jeito, com mé e gelado, até bolo de jiló cru deve de ficar bão...”

Uma outra vez teve uma festa junina na igreja do arraial e a frota dos Lebrim foi toda. Iam a pé, porque era pertinho, menos de 3 quilômetros, todos juntos, papagueando com a expectativa do quentão, pipoca, milho verde assado, pé de moleque, batata doce, eta farturão!

No caminho tinha um córrego, uns 3 metros de largura, que se atravessava por uma pinguela, uma torona de aroeira deitada de um lado ao outro, com um corrimão de bambu mais alto. Com apoio do corrimão, não tinha erro: passavam com facilidade.

Ia a turma no caminho, aquela alegria de festa, as meninas com seus vestidinhos de chita, todo mundo com roupa de domingo, os 2 velhos puxando a procissão. Tinha já um pouquinho de orvalho, era junho, alcançaram a pinguela, começaram a travessia, contentes.

No meio da passagem, Hermindo resmungou:

-“Tá melado esse bambu!”
-“Tá mesmo, parece graxa”.
-“É”.

E o Nicola: -“Cambada, passaram graxa no corrimão!”

Todo mundo arrumadinho vindo na passagem, foi cheirar a palma da mão. E
era!

Aquela gritaria, - “é graxa, é graxa”, e xingamento que não acabava mais...
Festa nem teve!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**